

COMUNICAÇÃO, CULTURA E INFÂNCIA: UM CAMPO PARA A REFLEXÃO SOBRE A PRODUÇÃO CULTURAL NA INFÂNCIA

MÜZEL, Andrei Alberto

Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva

Professor Mestrando (UNISO)

RESUMO

O presente trabalho apresenta um estudo que pretende analisar, refletir e incentivar a Produção Cultural na Infância. São muitas as dimensões e confusões sobre as produções culturais infantis e, num contexto de que as mesmas podem ser geradas ou produzidas no campo da Infância, muitas são as alienações que não enxergam a criança também como participante ativo no processo de desenvolvimento social. Muitos são os diálogos que permeiam a vida da criança. No espaço que a refletimos muitas vezes esse diálogo se dá com sucesso ou fracasso. O diálogo é via que produz a ascensão da efetiva dinâmica de fusões das particularidades das crianças. Para determinada fusão construímos um campo para nossa reflexão não com a ideia de delimitar um espaço por meio de conceitos. Principalmente com a ideia da instrumentalização que alimentará de modo científico, porém, de modo prático e sensível a ideia da Produção Cultural na Infância. Quando falamos em diálogo como um grande veículo para a Produção Cultural na Infância, sustentamos uma reflexão acerca do mundo contemporâneo e promovemos para a composição do nosso campo de reflexão alguns conceitos em Comunicação, Cultura e Infância.

Palavras-Chaves: Comunicação, Cultura, Infância, Produção Cultural na Infância.

ABSTRACT

This paper presents a study that seeks to analyze, reflect and encourage the Cultural Production in Childhood. There are many dimensions and confusion about the cultural productions and children, in a context that they can be generated or produced in the field of Childhood, divestitures are many who do not see the child as well as an active participant in the process of social development. Many are the dialogues that permeate the child's life. Within that often reflect this dialogue is with success or failure. Dialogue is producing via the rise of the effective dynamics of mergers particularities of children. Determined to build a fusion field for our reflection not with the idea of defining a space by means of concepts. Especially with the idea of instrumentation that will feed in a scientific way, but in a practical and sensible idea of Cultural Production in Childhood. When we talk about dialogue as a great vehicle for Cultural Production in Childhood, hold a reflection on the contemporary world and to promote the composition of our field of reflection concepts in Communication, Culture and Infancy.

Key Words: Communication, Culture, Childhood, Childhood Cultural Production.

1.INTRODUÇÃO

A ascensão social marcada pelo desenvolvimento tecnológico tem nos localizado numa civilização em tempos de mudanças em alta velocidade. A presença da comunicação, em suas diversas facetas, ganha e invade cada vez mais os diversos espaços sociais influenciando nos valores, atitudes, estilos de vida concebendo a reconstrução do ser humano.

A Comunicação na perspectiva da criança, no campo que sustentará a ideia de diálogo é apresentada aqui numa via de potencialização do seu conceito e também de análise do seu processo. A Produção Cultural, e neste caso, na Infância se constitui quando percebemos que o espaço de encontro de crianças é sustentado porque todos os envolvidos direta e indiretamente nesse espaço se comunicam.

A complexidade se faz presente dentro do espaço escola. Do espaço para crianças pequenas porque toda formação e conhecimento são complexos. O encontro de particularidades que resultarão na produção de cultura, as situações dialógicas entre crianças e crianças, crianças e adultos, adultos e crianças motivadas por diversos elementos e de diversas ordens é um dinamismo complexo. Presente em um universo cada vez mais complexo, percebe-se que o ser humano deve assimilar e reconstruir seus códigos comunicacionais, sua forma de interação e integração (PACHECO, 1991).

Expostas diariamente às linguagens, entre elas as mais diversas formas de expressão e comunicação, as crianças continuam, em contrapartida, recebendo uma “uma educação verbalista e reprodutora” (PACHECO, 1991). Nesse sentido, uma educação que desconhece ou que não valoriza as novas linguagens num mundo contemporâneo e se fragiliza quando na verdade deveria se fortalecer para assumir a sua função social na concepção de um sujeito responsável pela construção e reconstrução de sua cultura.

Construamos nosso campo como uma escolha lúcida para fortalecer não apenas o conceito de Comunicação, mas também de Cultura e Infância dando rumo às nossas reflexões. Contudo, vale dizer que esse campo se compõe em aproximações para o fortalecimento de desses conceitos. Mas, ousamos construí-lo ainda que não exista exatidão ou uma única para conceituar Comunicação, Cultura e Infância considerando que as mesmas ocupam um vasto de campo de pesquisa se constituindo, principalmente, historicamente.

A Infância tomada como objeto de estudo no campo da Comunicação e Educação cuida de analisar a criança como sujeito ativo na sua formação a partir da construção do conhecimento. Segundo Pretto (2008), “o ato de educar é um ato de comunicação”. O ato de comunicação expressado não se restringe, portanto, aos suportes ou aos processos intencionais de uso das mídias pelas escolas ou pela indústria cultural. O ato de comunicação em educação é um movimento entre

peças que possuem em comum a vontade de ensinar e aprender concebendo aí sua cultura.

2. PERCEBENDO A COMUNICAÇÃO

A atuação da criança no mundo bem como sua socialização é um exercício de troca de informações e aquisição de experiências (MARTINS, 2004). Diante do papel da infância na sociedade, abordamos a relação que as crianças assumem entre elas, entre elas e os adultos, entre elas e os mais variados objetos de formação, informação, enfim, de conhecimento. Relações que sustentam e constroem genuinamente suas diversas linguagens compondo sua verdadeira ação num contexto social. Nas relações assim percebidas emana o conceito de Comunicação.

As teorias da Comunicação em suas diversas formas de existência é um fator estruturante para tal conceito, mas não nos deteremos aqui literalmente à revisão das diversas Teorias da Comunicação uma vez que “as teorias da comunicação estão cansadas e enfadonhas” (MARCONDES, 2008). Explicitamos que o objetivo deste estudo não é fazer uma história das teorias da comunicação e nem da evolução humana, mas construir um campo que nos localizará de modo reflexivo sobre aquilo que interagimos no mundo, reagimos, nos dispomos e até dependemos. O que buscamos é um conceito de Comunicação capaz de sustentar a reflexão acerca do mundo vivido, percebido e concebido por crianças.

A busca de uma nova teoria para a Comunicação, segundo Marcondes (2008), será impossível se permanecer ancorada por métodos antigos e ultrapassados, pois a nova teoria da Comunicação trabalha com o estudo do acontecimento comunicacional, desafio da busca para fazer existir um novo pensamento ou conceito sobre a Comunicação.

Como conceber um novo conceito sobre Comunicação? Como sustentar uma teoria que se constrói não por rigidez, mas pela própria descoberta e desbravamento? No âmbito das Teorias da Comunicação no sentido humanizador, uma das maneiras de responder a essas questões é focalizar que o conceito de comunicação “é a produção, a percepção e entendimento de mensagens portadoras das ideias humanas do que existe, do que tem importância e do que está certo” (DANCE, 1973).

Em estudos apresentados por Dance (1973), é explícito que o foco sobre o conceito de Comunicação se desloca para uma perspectiva histórica, procurando salientar a organização e reorganização cultural a partir da revolução industrial. Para isso, são apontados meios com a comunicação de massa procurando observar os pontos de convergência que reconstróem determinada cultura.

Observarmos em meio às transformações que os novos meios de comunicação proporcionam um novo conceito. A produção dos meios de comunicação em massa de símbolos e mensagens trata de ocorrências que produzem significações e consolidam a interação social por meio de mensagens. O conceito de Comunicação como um evento no qual se faz efetivo na mutação, na atividade que não deixa ileso.

É preciso considerar então que a Comunicação é um processo social, um acontecimento, uma combinação de múltiplos vetores. “Comunicação é como o vento, ela passa, nos toca, nos envolve, nos faz mudar de posição, mas não a vemos, não a capturamos, ela escapa mesmo se deixando mostrar” (MARCONDES, 2008, p. 52). É assim que queremos fortalecer o diálogo em espaços sociais concebidos essencialmente para crianças. A Comunicação sustentada nesse espaço, esse processo social como dimensão de ocupação de vida de nossas crianças que toca, que envolve, que altera posições e constrói outros processos onde as crianças pequenas foram as principais responsáveis é que levará a alienação, a ausência de diálogos ao fracasso. Como crianças se comunicam e o que produzem enquanto cultura e conhecimento humano ao se comunicar?

A discussão sobre o conceito de Comunicação e sua existência na organização social das crianças, inevitavelmente, se estrutura na reflexão da criança como sujeito produtor de cultura refletindo, nesse sentido, de modo contemporâneo sobre o conceito de Infância. Ao se estruturar e se apresentar em diversas teorias sejam de ordem explícitas ou implícitas, a Comunicação tem se apresentado como uma ciência a ser reorganizada. As tradicionais teorias da Comunicação não são aqui ignoradas, mas repensadas a partir de um mundo que avança em seu tempo e seu espaço em consonância com a Infância que também avança em seu tempo e seu espaço. (MARCONDES, 2008). Assim, podemos afirmar que crianças produzem cultura porque se comunicam.

3.A IDEIA DE CULTURA

Tal pensamento nos convida a avançar na construção do nosso campo. Façamos aproximações para o conceito de Cultura buscando clareza e leveza, sustentemos um conceito de cultura capaz de constituir um campo de reflexão sobre a ação atual das crianças que constroem e reconstróem significados no mundo.

Para Kuper (2002), o conceito antropológico de cultura passa necessariamente pelo dilema da unidade biológica e a grande diversidade cultural da espécie humana. Um dilema que permanece como tema central de numerosas polêmicas e que aponta para a preocupação há muito presente, com a diversidade de modos de comportamento existentes entre os diferentes povos. Ao observarmos a Comunicação como evento de relações, a Infância como contexto e atividade social diversificado pertencente a uma mesma faixa etária, percebemos a noção de Cultura como necessidade de aprofundamentos e construções da vida honestamente humana.

Desde a Antiguidade, foram comuns as tentativas de explicar as diferenças de comportamento entre os homens, a partir das variações dos ambientes físicos. No entanto, logo os estudiosos concluíram que as diferenças de comportamento entre os homens não poderiam ser explicadas através das diversidades somatológicas ou mesológicas. Tanto o determinismo geográfico quanto o determinismo biológico foram incapazes de resolver o dilema, pois o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado chamado de endoculturação, ou seja, um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada. Assim, “Cultura é o conceito mais importante na Antropologia não biológica” (WHITE, 2009, p. 63).

A cultura se desenvolveu a partir da possibilidade da comunicação oral e a capacidade de fabricação de instrumentos, capazes de tornar mais eficiente o seu aparato biológico. Isto significa afirmar que tudo o que o homem faz, aprendeu com os seus semelhantes e não decorre de imposições originadas fora da cultura. A comunicação oral torna-se então um processo vital da cultural: a linguagem é um produto da cultura, mas ao mesmo tempo não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral (EAGLETON, 2005).

Eagleton (2005) também levanta um pouco do véu da relação entre cultura e natureza. A natureza estabelece continuidade entre o Homem e o ambiente. Já

cultura tem um significado diferente: realça as diferenças. O Homem apesar de fazer parte da natureza pode ser distinguido pela capacidade de se automodelar. Aqui é introduzida uma outra versão de cultura, relacionada com uma cultura de Estado. Há passagem do natural para o artificial. Como é referido “Os interesses políticos governam os culturais definindo assim uma versão de humanidade” (p. 19).

Cultura, não sendo o mesmo que civilização, é uma forma de poder que depende da sociedade devendo ser promovida pelo estado para que a sociedade civil seja harmoniosa e responsável, seja humana que é o mesmo que “livre de conflito”. Os cidadãos são “formatados” de acordo com as necessidades políticas, no entanto, a cultura é contrária à política pois favorece todas as qualidades humanas e não uma em especial. A cultura implica uma visão global não só dos interesses próprios, mas também dos outros. Existe uma interligação entre cultura e vida social no mundo pós-moderno. A cultura floresceu na modernidade.

A cultura desenvolveu-se simultaneamente com o próprio equipamento biológico humano e é, por isso mesmo, compreendida como uma das características da espécie, ao lado do bipedismo e de um adequado volume cerebral. Uma vez parte da estrutura humana, a cultura define a vida, e o faz não através das pressões de ordem material, mas de acordo com um sistema simbólico definido, que nunca é o único possível. Desta forma,

A cultura estrutura todo um sistema de orientação que tem uma lógica própria. Já foi o tempo em que se admitia existir sistemas culturais lógicos e sistemas culturais pré-lógicos. A coerência de um hábito cultural somente pode ser analisada a partir do sistema a que pertence. Todas as sociedades humanas dispõem de um sistema de classificação para o mundo natural que constitui categorias diversificadas e com características próprias (WHITE, 2005).

Ao percebermos certos esclarecimentos sobre a Cultura com base na evolução entendemos que toda prática social tem uma dimensão cultural e que toda prática social depende de significados e com eles está estreitamente associada. A esfera da Infância, da atuação da criança no espaço escola deve funcionar dentro da construção de significados onde é possível aplicar o conceito de evolução, pois, percebemos a Infância no ponto de vista da cultura da humanidade, as crianças no ponto de vista de um grupo específico e suas manifestações no ponto de vista de um sistema (WHITE, 2005). No entanto, a escuta sensível – a percepção de Comunicação sustentada em nosso campo de reflexão - que promove as ações de

crianças evidentemente munidas de significados, que são celebradas em tempos e espaços constituem-se mutuamente e produzem cultura.

4.A PERSPECTIVA DA INFÂNCIA

Buscando a compreensão de como a infância foi se constituindo em objeto de preocupação e investigação como categoria social e cultural, pretendemos – ainda de forma inicial – apresentar reflexões no âmbito dos estudos da Sociologia da Infância, área de conhecimento que recentemente passou a se preocupar em investigar e perspectivar algumas ideias em torno das crianças como atores sociais e produtores de culturas; reconhecendo-as como sujeitos empíricos tendo vez e voz. Sarmiento e Gouvea (2009) ao apresentar seus estudos sobre a Infância social explicitam que:

A existência de um grupo que é socialmente subalterno devido a sua condição etária é, por consequência essencial à definição de Infância. Existe Infância na medida que historicamente a categoria etária foi constituída como diferença e que essa diferença é geradora de desigualdade. O reconhecimento do estatuto diferencial e desigual das pessoas de idade mais nova não foi sempre assente, sendo a Infância considerada como um fruto da Modernidade(...) (SARMENTO E GOUVEA, 2009, p. 22).

Ao analisarmos a história, compreendemos que a definição de Infância está atrelada simplesmente a uma faixa etária e não no exercício social desse ser humano de tenra idade entendido como ser inacabado. Durante a Idade Média, encaradas como pecado original – que necessitavam de uma educação rígida para a correção e para o disciplinamento – as crianças eram consideradas meros seres biológicos, sem estatuto social ou autonomia existencial (SARMENTO, 2004). Não existiam diferenciações entre adultos e crianças o que podemos constatar ao analisar culturalmente o modo de vestimentas onde não havia diferenciações. Ainda na Idade Média, assim que as crianças deixavam os panos em que eram enroladas, denominados cueiros, as mesmas eram vestidas como adultos tendo como determinante a classe social (ARIÈS, 1981). Tanto como em vestimentas, como em brincadeiras e rituais as crianças não se diferenciavam dos adultos.

Em consonância, autores como Sarmiento (2004), esclarece que a institucionalização da infância no início da modernidade ocorreu devido à junção de muitos fatores, sendo o primeiro deles, a expansão da escola pública e a obrigatoriedade da educação. Para Buckingham (2000), o confinamento das crianças em salas de aula é a composição de um projeto iluminista, que valorizava o desenvolvimento da racionalidade com a finalidade de assegurar a estabilidade da ordem social. A caracterização das crianças como seres irracionais era o motivo que sustentava a ideia de que as mesmas pudessem ser treinadas nas artes do autocontrole e do treinamento. Assumindo esse viés, a família que possuía bens, de elevada classe social, delegava o cuidado das crianças às criadas centralizando as responsabilidades de proteção e estímulos ao desenvolvimento das crianças. Neste mesmo momento é que se constitui os saberes sobre a infância, do entendimento da criança como um “vir a ser”, com a criação de áreas específicas da medicina, psicologia e pedagogia, como a pediatria e a psicologia do desenvolvimento (SARMENTO, 2004).

Para a consideração da criança como um ser ainda em formação, Perrotti (1990) assinala como a caracterização evolucionista da criança atribuindo o critério valorativo aos adultos, como “seres completos” que são. Para chegar a tal estágio, a criança é definida como um ‘vir a ser’, devendo ser lapidada, educada para determinado fim. Considerando a premissa de que a infância não é uma categoria natural ou universal determinada por aspectos biológicos, Buckingham (2000) mostra como as definições de infância são variáveis, histórica, cultural e socialmente.

As crianças são definidas como uma categoria particular, com características próprias e universais, tanto por si mesmas como pelos outros (pais, instituições, meios de comunicação). Estas definições se materializam em forma de práticas sociais e institucionais, caracterizando e produzindo as formas de comportamento tipicamente “infantis” é o que explica Buckingham (2000). Como exemplo, o autor cita a escola e a família, como instituições sociais que constroem características da infância, bem como definem seu lugar ocupado na sociedade, reforçando pressupostos sobre como as crianças são e deveriam ser.

A partir destas constatações cabe acrescentar também a ideia da produção de discursos sobre a infância que parte das próprias crianças. Vale destacar que as próprias crianças criam categorias dentro da categoria ‘infância’, o que possibilita a

elas criarem uma identidade, encontrar uma diferença entre seus pares, mostrando que ser criança não significa fazer parte de uma categoria homogênea, estática.

A ideia de infância pode variar em culturas ou sociedades diferentes, ou até mesmo inexistir. Mas, embora a infância seja alvo de diversas concepções, parece que há uma insistência de nossa sociedade em caminhar para uma esfera homogeneizadora, que trata a infância como global, possuidora de características próprias e iguais em qualquer lugar do mundo.

Muitas são as referências contextuais capazes de oferecer às crianças as possibilidades de vivenciarem a Infância e assim gerar cultura. Apesar da existência desses diferentes contextos, as crianças são capazes de aprender e agir sobre sua realidade e particularidade social. A infância é parte de uma categoria geracional, onde também se fazem presentes as diversidades e as desigualdades da sociedade contemporânea (SARMENTO, 2006).

5. CONSIDERAÇÕES

Sobre a Produção Cultural na Infância...

Para Kramer (1998), sabemos que a Cultura é produzida nas mais diferentes instâncias da vida social, mas o espaço escola, o espaço em que crianças comungam trocas de experiências – ou pelo menos deveriam – por seu caráter de obrigatoriedade, desempenha em relação à disseminação cultural um papel fundamental. Muito podem ser os espaços que poderíamos abordar com relação a Produção Cultural na Infância mas nos detemos a uma Infância específica, que assume formalmente e em obrigatoriedade o desenvolvimento da criança. Nesse viés é que fortalecemos a ideia de Cultura.

A contribuição para o debate sobre a criança enquanto produtora de Cultura no espaço escola nos convida a perceber o espaço escola como um espaço de Comunicação em consonância com sua complexidade e importância. Muitas vezes o conceito de Cultura ainda não é lúcido no espaço escolar. Muitas vezes o conceito de Cultura ainda é sintetizado como um espaço que produz arte ilustrativa. Tal ação se sustenta na carência de entendimento os espaço como um espaço comunicador. Qualquer ação seja de ensino ou aprendizado não está reduzido à retenção e obrigatoriedades de conteúdos e muitas vezes o espaço escola se reduziu a esta dinâmica por não atentar-se como um espaço de comunicação que valoriza

significados e produzem cultura. Neste sentido, a problemática das relações entre escola e cultura é inerente a todo processo educativo. Não há educação que não esteja imersa na cultura da humanidade é o que afirma Kramer (2004).

O campo de relação entre Comunicação, Cultura e Infância vai se tornando claro. Crianças produzem culturas porque são sujeitos que vão se formando mediante processos de trocas de informações, mas não simplesmente trocas. Os esforços de entrecruzamento sobre as características, valores, costumes, atitudes que cada criança traz para o espaço escola deve ser promovido. Como já vimos, a infância aqui tratada se concebe no espaço escolar, ocupando-nos com aquilo que precisamos para o sustento da nossa reflexão sobre a Produção Cultural na Infância: consolidar um campo de reflexão fortalecendo os conceitos de Comunicação, Cultura e Infância.

6. REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e Família**. 2ªed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro, Ed. LTC, 1981.
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias (After the Death of Childhood: growing up in the age of electronic media, 2000)**. Tradução: Gilka Girardello e Isabel Orofino. No prelo.
- DANCE, Frank E. X. **Teoria da Comunicação Humana**. São Paulo, Cultrix, 1973.
- EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo, Editora UNESP, 2005.
- KUPER, Adam. **Cultura, a visão dos antropólogos**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- FORQUIM, Jean Claude. **Escola e Cultura: as bases epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- SERRA, J. P. **Manual de Teoria da Comunicação**. Covilhã, LabCom, 2007.
- KRAMER, Sonia. **Crianças e adultos em diferentes contextos. Desafios de um percurso de pesquisa sobre infância, cultura e formação**. In: SARMENTO, Manoel & GOUVEA, Maria Cristina S. (Org.). **Estudos da Infância. Educação e Práticas Sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.
- SOUZA, Solange Jobim & SALGADO, Raquel Gonçalves. **A criança na idade mídia. Reflexões sobre cultura lúdica, capitalismo e educação**. In: SARMENTO, Manoel & GOUVEA, Maria Cristina S. (Org.). **Estudos da Infância. Educação e Práticas Sociais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

WHITE, Leslie. **O conceito de Cultura.** Petrópolis, Rio de Janeiro, 2005.